

Antonio Candido reavaliando Vargas

Antonio Candido Rethinking Vargas

Autoria: Flávio Aguiar

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3146901651733670>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.218126>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/218126>

Recebido em: 02/11/2023. Aprovado em: 02/11/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 23, jul.-dez., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

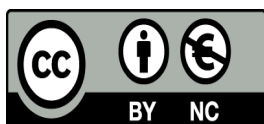
Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

AGUIAR, Flávio. Antonio Candido reavaliando Vargas. *Opiniões*, São Paulo, n. 23, pp. 176-181, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.218126>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/218126>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

antonio candido

reavaliando vargas

Antonio Candido Rethinking Vargas

Flávio Aguiar¹

Universidade de São Paulo (USP)

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.218126>

Resumo: Crônica em que o professor Flávio Aguiar rememora sua longa relação de amizade com o professor Antonio Candido e os temas de suas conversas ao longo da vida, com destaque para a reavaliação do papel da liderança de Getúlio Vargas na história política brasileira.

Palavras-chave: Getúlio Vargas. Estado Novo. História política brasileira. Antonio Candido. Flávio Aguiar.

Abstract: A chronicle in which Professor Flávio Aguiar recalls his long friendship with Professor Antonio Candido and the themes of their conversations throughout his life, with an emphasis on re-evaluating the role of Getúlio Vargas' leadership in Brazilian political history.

Keywords: Getúlio Vargas. Brazilian New State. Brazilian political history. Antonio Candido. Flávio Aguiar.

¹ Flávio Wolf de Aguiar é Professor Assistente Doutor da Universidade de São Paulo. E-mail: wolfdeaguiar@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3146901651733670>.

“Antonio, atento às áreas de silêncio entre as palavras,
Nelas distinguindo a misteriosa ressonância
Do inexprimível afinal expressado,
fora do poema, pelo seu rastro?”

Carlos Drummond de Andrade, em Esboço de figura.

Durante anos tive o privilégio de frequentar a casa do Professor Antonio Candido, conversando com ele e com Dona Gilda de Mello e Souza. A frequência começou na rua Bryaxis, na verdade um beco, no Itaim-Bibi, bairro de São Paulo. Proseguiu e acentuou-se quando o Professor, como era conhecido pelos da minha geração, mudou-se para um edifício na Alameda Joaquim Eugenio de Lima, no Jardim Paulista.

No Natal de 2005 o Professor enviuvou e nós, os mais jovens, ficamos órfãos de Dona Gilda. Durante aquele ano o estado de saúde dela se deteriorara bastante. Foi o único momento em que vi o Professor deveras deprimido. Mas nossas conversas não arrefeceram, nem mesmo depois que, em 2007, me mudei para Berlim, na Alemanha. Mantivemos uma correspondência assídua até sua morte, fatidicamente no dia em que completei 70 anos, em 12 de maio de 2017. Recebi a notícia na cidade de Gössweinstein, na Baviera, na pensão que fora de minha bisavó, Clara Wolf, depois von Ihering, onde comemorava meu aniversário. Nestes anos finais de nosso contato, cada vez que eu ia ao Brasil visitava o Professor, e a conversa continuava como se interrompida ontem, regada regularmente com goles de chá, de vinho do Porto, ou ambos.

O vinho do Porto nos acompanhava desde que ele lera meu romance *Anita*, publicado em 2000, em que aquele vinho comparecia como a bebida ficcionalmente favorita do nada ficcional general Antonio de Souza Netto, que proclamara a República Riograndense em setembro de 1836, às margens do arroio Seival, perto da fronteira com o Uruguai. Ele adorou conhecer as histórias sobre Netto, como a de que ao se despedir dos companheiros Farroupilhas teria dito: “vou-me embora pro Uruguai, lá é uma república, e o meu sombrero cansou de dar barretadas para Imperador”.

Conversávamos e nos escrevíamos sobre tudo. Certa vez fiz um comentário de brincadeira sobre a amplitude dos temas de nossas conversas. Disse-lhe que, certamente se alguém se interessasse sobre estas conversas, no futuro, pensaria que estávamos trocando ideias sobre as tendências literárias ou políticas na América Latina e no Brasil. Mal poderia imaginar que naquele momento (por volta de 2014) conversávamos e nos escrevíamos longamente sobre... a ocorrência de neve no Brasil! Não se tratava de pedantismo eurocêntrico. Tratava-se, isto sim, de que, glosando o verso de Terêncio, “tudo o que dizia respeito ao Brasil interessava o

Professor”. Fiquei feliz por revelar-lhe que a neve ocorrera, inclusive, no seu querido estado de Minas Gerais, mais precisamente em Maria da Fé, em Itamonte, e no Pico da Bandeira, coisa que ele ignorava.

Havia também uma rede daquilo que em inglês se chama “small talk”, conversas nada triviais sobre o trivial da vida. Destaco entre os muitos assuntos, o interesse do Professor por vinhos, por genealogia e também, apesar dele ter-me dito que depois do golpe de 64 nunca mais sorria do mesmo jeito que sorria antes, o seu inesgotável e sofisticado senso de humor. Havia nele uma inequívoca vocação (talvez frustrada) de ator, que se materializava nas impagáveis imitações de colegas, alunos, políticos e outras personalidades. Mas é claro que também conversávamos muito sobre literatura, a FFLCH, a USP e outras universidades, e sobre política, a presente, a passada e a futura, o PT, o Brasil, a América Latina e o mundo.

A sua formação e trajetória políticas eram uma fonte constante e preciosa de informações, comentários e ensinamentos para os “mais jovens”, como eu. Referia-se constantemente, dentre o grupo da revista *Clima*, aos quatro por assim dizer “Mosqueteiros”, o grupo de amigos que repartiam entre si, como apelidos, os nomes dos personagens de Dumas Pai. Ele, Antonio Candido, era D’Artagnan; Paulo Emílio Salles Gomes era Aramis, o mais político dos personagens. Não me recordo como repartiam entre si Décio de Almeida Prado e Lourival Gomes Machado os apelidos de Porthos e Athos. Tenho uma vaga ideia de que a Décio cabia Porthos e a Lourival, Athos; mas não posso dar inteira fé a esta divisão. O Professor elogiava muito o tirocínio político de Paulo Emílio, a quem atribuía em grande parte a politização do grupo inteiro a partir da resistência ao Estado Novo, depois com a fundação e a militância no Partido Socialista e os desdobramentos posteriores, com ele e Sérgio Buarque de Hollanda ajudando a fundar o Partido dos Trabalhadores, já nos estertores da Ditadura Civil-Militar de 1964.

A propósito deste “novo” personagem nesta crônica, lembro de episódio emblemático durante a greve do funcionalismo público do Estado de São Paulo em 1979, primeira vez em que professores universitários tomaram parte num movimento deste tipo. Como uma das atividades da greve, organizamos na FFLCH um debate com a participação de Antonio Candido e de Sérgio Buarque. Nesta ocasião o Professor apresentou seu admirável texto, então batizado provisoriamente de “A cultura do sim e a cultura do não”. No meio do debate, no auditório lotado do prédio da História e Geografia Antonio Candido assinalou para seu colega veterano, como um sinal dos tempos, diante da profusão de jovens professores universitários que se acotovelavam na plateia, que eles dois eram os únicos vestindo paletó e gravata. Ao que Sérgio retrucou: “é verdade, mas a minha gravata é vermelha e a sua não”, para gargalhadas gerais, inclusive por parte do Professor.

Partidário de um socialismo democrático, Antonio Candido abominava todos os tipos de autoritarismo. Mas havia uma hierarquia: no topo de suas abominações vinha o nazi-fascismo; só depois, o stalinismo. Sua última abominação era o regime ditatorial instalado no Brasil a partir de 1964. Democraticamente convivia tanto com seus correligionários e amigos do PT, quanto com seus queridos amigos do PSDB, como Fernando Henrique Cardoso e Celso Lafer, dentre outros.

E é claro que um dos temas abordados era o Estado Novo, junto com seu prócer principal, Getúlio Vargas. Várias vezes, em nossas conversas, aflorava a consideração de que ele, o Professor, estava fazendo uma reavaliação deste personagem. Não se tratava de compactuar com ou de minimizar o seu vezo autoritário, mas sim de ajuizar o seu papel histórico na sociedade brasileira.

Esta reavaliação começava com uma consideração sobre a República Velha, que antecederia os 24 anos em que Vargas, com uma interrupção entre 1945 e 1950, reinara na política brasileira. Fazia ele uma crítica, digamos, amigável, a colegas e correligionários de novas gerações que, por vezes, no afã de condenar o Estado Novo, elogiavam o “liberalismo” da República Velha. “Eles não sabem o horror que era aquilo”, me disse certa vez.

Em outra ocasião contou-me de um encontro que tivera com Alzira Vargas, a filha de Getúlio, já depois da morte deste. Disse a ela que, apesar da oposição sem quartel que fizera a seu pai durante o Estado Novo, reconhecia o papel positivo em muitos aspectos que ele tivera na história brasileira, marcada por um oficialismo tão avesso “aos de baixo”, como pontuava seu correligionário e amigo Florestan Fernandes, a quem admirava sobremaneira. “Faltou-lhe”, dissera a Alzira, “alguém próximo que lhe fizesse uma crítica pela esquerda”. Considerava que Getúlio fazia parte de uma tríade de “fundadores institucionais” do Brasil, cada um a seu modo e com as marcas do tempo que lhe coubera e cabia viver: Pedro II, Getúlio e Lula. No caso de cada um deles, houvera e havia um Brasil antes e um Brasil depois de sua presença. Quanto a Pedro II, pode-se dizer que nem mesmo havia “um” Brasil, mas vários arquipélagos reunidos pela tradição bragantina. Depois dele, o Brasil virara uma nação. A Vargas coubera a maior integração nacional, superando os regionalismos oligárquicos que vigiam no Brasil durante a República Velha. E apesar dos traços autoritários, coubera a ele a entronização das classes trabalhadoras na cena política nacional. Já Lula... bem, sua trajetória ainda está inconclusa, e agora, infelizmente, sem o concurso do Professor.

Assinalo, na esteira destas considerações sobre o papel de Getúlio, o que o Professor me observou sobre a Revolução Cubana, considerada um sucesso por ele. Achava que Cuba era o único país que conseguira, por exemplo, institucionalizar uma política antirracista nas Américas, depois da tentativa e fracasso do Haiti. Dizia ele que tal sucesso se devia menos ao Partido Comunista Cubano e mais à liderança de um “caudilho ilustrado” como Fidel Castro.

Avaliava também o caráter problemático que historicamente tinha assumido a proximidade, devido às resistências ao Estado Novo, entre os socialistas de seu tempo e os futuros integrantes, como Carlos Lacerda, da União Democrática Nacional, a UDN, que terminaram enveredando por um contumaz golpismo de direita diante da ascensão, pós-Estado Novo, do trabalhismo de Vargas, Jango, Brizola e outros.

A propósito, contou-me curioso caso, com cujo relato encerro esta crônica. Depois da eleição de Juscelino Kubitschek, em 1955, na sequência do suicídio de Vargas, houve uma tentativa de impedir a sua posse por parte dos udenistas derrotados. Estava na presidência o vice de Getúlio, Café Filho. No final do ano este licenciou-se da presidência, alegando motivos de saúde. Com isto assumiu a presidência Carlos Luz, o presidente da Câmara Federal de Deputados, anti-getulista ferrenho. Havia uma esperança, por parte dos udenistas derrotados, Lacerda à frente, e de militares reacionários, como o coronel Mamede, de que Luz declarasse vaga a presidência, numa espécie de golpe parlamentar, o que forçaria a convocação de novas eleições. Entretanto o então General Henrique Duffles Teixeira Lott, que na passagem de poder de Café Filho para Carlos Luz se demitira do cargo de Ministro da Guerra (hoje do Exército), liderou um movimento militar colocando o primeiro em prisão domiciliar e afastando Luz, com o objetivo de garantir a posse de Juscelino. Luz, com outros golpistas, refugiou-se num navio, o Tamandaré, tentando ir para São Paulo. Lacerda, envolvido no golpe até o pescoço, pensou em refugiar-se na Embaixada de Cuba (!), então sob o ditador americanófilo Fulgêncio Batista. O Tamandaré não conseguiu aportar em Santos, pois forças fiéis a Lott haviam dominado a situação em São Paulo.

Em meio a este torvelinho de ações e reações, os socialistas, com os professores Antonio Candido e Aziz Simão à frente, redigiram um manifesto contra Lott, seu “golpe militar” e a favor de Luz, se contrapondo ao que viam como o perigoso prolongamento dos varguistas no poder, com o vice de Juscelino, João Goulart, do PTB.

Porém decidiram pedir a bênção de seu mestre, o brilhante Professor Fernando de Azevedo, de quem, aliás, Candido era assistente, na cadeira de Sociologia, na FFLCH/USP. Recebendo os então jovens professores em sua casa, Fernando de Azevedo leu o manifesto e condenou-o: “os senhores (assim eles se tratavam - nota do autor desta crônica) estão enganados; quem tem razão é Lott, os golpistas são Luz, Lacerda e os demais; rasguem o manifesto e vão para casa”.

Assim foi dito, assim foi feito: eles obedeceram, esqueceram o manifesto e voltaram para casa. Candido não esquecia que a lucidez e a firmeza do seu mestre os salvaram de um monumental erro histórico.